

História, Memória e Literatura de Testemunho: uma análise do Holocausto na obra de Primo Levi

EDUARDO GARCIA VALLE ¹

Primo Levi, judeu italiano, foi um dos poucos sobreviventes de Auschwitz, campo de concentração onde milhões de prisioneiros judeus foram assassinados pelos nazistas, sobreviveu e em suas obras narra de forma surpreendente o testemunho dos horrores cometidos nos campos de concentração nazistas. Através de suas memórias, elabora uma narrativa que não pertence a só si próprio, mas também a todos os judeus que viveram os campos de concentração, e por algum motivo não deixaram seu testemunho. É preciso salientar que o material mais relevante para a reconstituição da verdade sobre os campos de concentração seja constituído pelas memórias dos sobreviventes. Levi, em seus testemunhos narra não só sua experiência tem a consciência de falar em nome de quem perdeu, antes da possibilidade de escrever, o sentido do próprio eu.

É importante compreender que as testemunhas dos horrores cometidos nos campos de concentração nazistas, na maioria das vezes eram testemunhas “privilegiadas”, testemunhas que de alguma forma desfrutavam de seus privilégios para poder enxergar mais do alto, sem se dobrar à autoridade dos campos, analisando melhor a totalidade. Essas testemunhas privilegiadas na maioria das vezes eram presos políticos, pois esses sabiam perfeitamente que seus testemunhos eram como armas de guerra contra o nazismo. Os outros prisioneiros ou não tinham a intenção de elaborar um relato, ou não teve tempo de vida suficiente para isso. Primo Levi ressalta que os verdadeiros testemunhos não sobreviveram para dar testemunho:

Repito, não somos nós, os sobreviventes, as autênticas testemunhas. Esta é uma noção incômoda, da qual tomei consciência pouco a pouco, lendo as memórias dos outros e relendo as minhas muitos anos depois. Nós, sobreviventes, somos uma minoria anômala, além de exígua: somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, não tocamos o fundo. Quem o fez, quem fitou a górgona, não voltou para contar, ou voltou mudo; mas são eles, os “muçulmanos”, os que submergiram_ são eles as testemunhas integrais, cujo depoimento teria significado geral. Eles são a regra, nós, a exceção. Sob um outro céu, mas sobrevivente de uma escravidão análoga e diferente (LEVI, 1990: 47)

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal de Uberlândia.

Neste ponto, é interessante ressaltar o filósofo italiano Giorgio Agamben (AGAMBEN,2008) que destaca que Primo Levi, uma autêntica testemunha, narra sem intenção de julgar e condenar. Segundo este autor, o “paradoxo de Levi”, que estrutura sua obra e que fica evidenciado em “*Os afogados e os sobreviventes*”, é justamente o fato de não haver veracidade nos testemunhos sobre os campos de concentração, pois por se tratar de uma experiência de aniquilação, os que conseguiram completar tal experiência, não estão vivos para dar seu testemunho. Segundo esse “paradoxo”, as informações essenciais e completas a serem narradas sobre a experiência dos campos de concentração e morte, não podem ser dadas, pois o essencial não pode ser dito.

Em seus testemunhos, Levi explicita que o fato de ter sobrevivido não foi de “pouca sorte”, foi deportado apenas no ano de 1944, e teve muita sorte de ter sobrevivido à viagem, feitas em vagões de trem chumbados pelo lado de fora. Ao chegar a Auschwitz, foi julgado apto ao trabalho e enviado aos campos de trabalho forçados. Naquela altura da guerra devido à escassez de mão-de-obra, os nazistas preferiam destinar os judeus saudáveis para o trabalho escravo ao invés de mandá-los diretamente para as câmaras de gás. Mesmo assim, dos 650 judeus italianos do comboio de Levi, somente 95 homens e 29 mulheres sobreviveram à primeira seleção. Levi, sempre mencionava que estava vivo “graças a uma combinação de rara sorte”.

A partir da Segunda Guerra Mundial, a “literatura de testemunho” ganha destaque ao retratar as experiências limítrofes de indivíduos que foram vítimas dos horrores perpetuados nos campos de concentração nazistas. O escritor Primo Levi, judeu italiano, sobrevivente de Auschwitz, é sem dúvida um dos maiores expoentes deste estilo literário, sendo referência em tais estudos. Na perspectiva de Eric Hobsbawm (HOBSBWM,1995), Primo Levi, conseguiu analisar com habilidade, alguns elementos fundamentais da “era da catástrofe”. A partir das representações (CHARTIER,2002) adotadas na obra de Levi, anunciam por meio da lembrança e testemunho, a manutenção de uma experiência individual, ao mesmo tempo, a constituição da própria história como lembrança, através de uma memória coletiva.

Entender os fenômenos acontecidos dentro dos *Lagers* exige uma reflexão a respeito da própria representação deste fenômeno, e isso é uma tarefa que vários pesquisadores estão empenhados, mas existe uma dificuldade, uma impossibilidade de uma representação da catástrofe. Como nos informa Márcio Seligmann-Silva:

[...] na medida em que tratamos da literatura de testemunho escrita a partir de Auschwitz, a questão do trauma assume uma dimensão e uma intensidade inauditas. Ao pensar nesta literatura, redimensionamos a relação entre linguagem e o real: não podemos mais aceitar o vale-tudo dito pós-moderno que acreditou ter resolvido essa complexa questão ao firmar simplesmente que “tudo é literatura/ficção”. Ao pensarmos Auschwitz, fica claro que mais do que nunca a questão não está na existência ou não da “realidade”, mas da nossa capacidade de percebê-la e simbolizá-la (SELIGMANN-SILVA,2003: 49-50).

A literatura de Shoah está inserida nesta dificuldade de representação, justamente por ser uma literatura caracterizada principalmente por seu “excesso”, pelo testemunho das barbáries acontecidas dentro dos campos de extermínio. A Shoah é considerada um evento limite, a própria catástrofe por excelência.

Outra característica importante a respeito da literatura do Shoah é a falta de todo um aparato conceitual que descreva este evento, justamente pela sua dificuldade de representação, desta forma alguns autores usam o conceito Kantiano de “sublime”, entendido não no seu significado estético, sinônimo de “esplêndido”, “magnífico”, mas sinônimo de irrepresentável, sem limites de representação. (SELIGMANN-SILVA,2003:52-53)

Esta literatura de testemunho, mesmo encontrando problemas referenciais em torno da sua irrepresentabilidade, foi o caminho percorrido, por exemplo, por Primo Levi, após sua libertação do campo de Auschwitz. Vemos nessa literatura a necessidade de falar, de escrever, de passar adiante a terrível experiência dos campos de concentração. Um ponto comum entre os sobreviventes, que decidirão não se calar, é a angústia de falar, testemunhar e não ser ouvido, não ser creditado, ser ignorado. Isso pode ser percebido nos sonhos em que Primo Levi tem no campo de concentração, sonho esse que é comum à maioria dos prisioneiros, esse sonho relata a angústia, sonho no qual a volta para casa, à felicidade de encontrar seus parentes e amigos, narrar sua experiência, contar o horror vivido e de repente, com a consciência desesperada de que ninguém o escuta, de que os ouvintes levantam e vão embora, indiferentes.

Neste trabalho, é importante entender as relações atuais entre História e Memória. A partir da década de 1970, aumentamos as concepções metodológicas, principalmente com as abordagens da Nova História Cultural, gerando uma aproximação com outras disciplinas com o intuito de verificar melhor o objeto de análise. Neste contexto, as fontes diversificam-se, assim como as possibilidades dos usos da(s) memória(s) como fonte de pesquisa histórica.

Atualmente o uso da memória como fonte de pesquisa histórica é bastante difundida entre vários estudiosos, mas esse uso deve ser entendido e problematizado, pois os estudos sobre memória constituem-se num campo vasto e heterogêneo. Isso leva a uma reflexão sobre a fragilidade teórica a respeito da memória histórica. Segundo Jacy Alves de Seixas: “Em uma palavra, muito se fala e se pratica a “memória” histórica __ o boom atual da história oral e das biografias e autobiografias são, nesse sentido, bastante expressivo, mas pouquíssimo se reflete sobre ela. ” (SEIXAS,2001:38)

Outra questão pertinente a esse trabalho é a discussão dos chamados “autores clássicos” da memória, trabalhando com o conceito de memória coletiva, Maurice Halbwachs (*HALBWACHS,2004*), discorre em sua obra, que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, visto que as lembranças são constituídas no interior de um grupo, o indivíduo carrega a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. As lembranças se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo, o que é designado por Halbwachs de “comunidade afetiva”.

Outro ponto importante é que segundo Halbwachs, a lembrança constituída dentro de um grupo, pode ser reconstruída ou simulada. Podemos criar representações do passado, apropriando percepções de outras pessoas, estabelecendo uma imaginação do acontecimento. A lembrança é a reconstrução do passado, inserindo também dados ou questões do presente, ou ainda reconstruções feitas em épocas anteriores, de onde a imagem se altera e incorpora novos elementos. De acordo com Halbwachs:

(...) a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (HALBWACHS,2004: 75)

Nesta concepção, é interessante ressaltar que Halbwachs, afirma que a memória não é simplesmente uma imaginação ou representação histórica que tenhamos construído que nos seja exterior, pois o processo de construção da memória passa por um referencial que é o sujeito.

Outro ponto significativo, é que a memória individual e a memória coletiva têm pontos de contato com a chamada memória histórica, é que estas, são socialmente

negociadas. Para o autor, memória histórica é aquela compreendida como a sucessão de acontecimentos importantes na história de um país. A partir da leitura da obra de Halbwachs, fica evidente a diferenciação entre Memória e História. Neste trecho Jacy Alves de Seixas estabelece uma diferenciação entre memória coletiva e história a partir da obra de Halbwachs:

À memória coletiva, Halbwachs confere o atributo de atividade natural, espontânea, desinteressada e seletiva, que guarda do passado apenas o que lhe possa ser útil para criar um elo entre presente e o passado, ao contrário da história, que constitui um processo interessado, político e, portanto, manipulador. A memória coletiva, sendo sobretudo oral e afetiva, pulveriza-se em uma multiplicidade de narrativas; a história é uma atividade de escrita, organizando e unificando numa totalidade sistematizada as diferenças e lacunas. Enfim, a história começa seu percurso justamente no ponto onde se detém a memória coletiva(SEIXAS,2001:40)

Pierre Nora, em reflexão desenvolvida nos anos 1980, também trata da distinção entre memória e história, além de realizar a construção de uma nova noção para se trabalhar na fronteira destas vivências: “os lugares da memória” (NORA, 1993:07-28). Para compreender este conceito, é preciso analisar como Nora distingue memória e história. Para o autor, a memória deixa de existir, por ser apropriada pela história, restando apenas “os lugares da memória”. Para Pierre Nora:

os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não naturais. É por isso a defesa pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa as varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de constituí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que elas envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória (NORA, 1993:13).

Partindo de outras concepções, Michael Pollack, não faz uma diferenciação entre memória e história. Em seu artigo “Memória, esquecimento e silêncio”(POLLAK, 1989) , o autor destaca uma retomada crítica das elaborações teóricas feitas por Halbwachs. Pollack relata a emergência a partir da década de 1970, sobretudo no campo da História Oral, de trabalhos que ressaltam “a importância das memórias subterrâneas

que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à memória oficial, no caso a memória nacional” (POLLAK, 1989:04). Essa abordagem diverge do que é proposto por Halbwachs, pois:

(...)acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional. Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afluem em momentos de crise em sobressaltos brutos e exacerbados. A memória entra em disputa (HALBWACHS, 2004: 74)

Segundo Pollack, assistimos atualmente “verdadeiras batalhas pela memória”, pois a memória é um campo político ainda em disputa. Discutindo a respeito do silêncio das vítimas do Holocausto, Pollack destaca que o silêncio tem razões bem complexas, convergindo entre razões políticas e pessoais. Segundo Pollack:

A essas razões políticas do silêncio acrescentam-se aquelas, pessoais, que consistem em querer poupar os filhos crescer na lembrança das feridas dos pais. Quarenta anos depois convergem razões políticas familiares que concorrem para romper esse silêncio: no momento em que as testemunhas oculares sabem que vão desaparecer em breve, elas querem inscrever suas lembranças contra o esquecimento. (POLLAK, 1989:04)

Primo Levi tinha a necessidade de falar porque teve a sorte de sobreviver, mas, muitas vezes, o seu relato era pontuado de silêncios, decorrentes da impossibilidade de verbalizar o ocorrido. O silêncio e a solidão estavam dentro de suas memórias. Mas sabendo da importância de seu testemunho, tem a consciência de narrar, de testemunhar por aqueles que não puderam, não conseguiram. Neste sentido, o conceito de testemunho por delegação é de fundamental importância para a compreensão de sua obra, pois quem viveu a experiência dos campos de extermínio até o fim, não pode dar seu testemunho.

Em sua obra “*É isto um Homem?*”, na qual Primo Levi descreve a sua trajetória em Auschwitz e a de todos os sobreviventes, o autor discorre sobre o processo utilizado pelos alemães de aniquilação do homem, transformá-lo em nada, ser apenas um número marcado na carne em forma de tatuagem. Primo Levi ressalta neste momento que em sua língua não existem palavras para narrar as ofensas cometidas, para o autor aquela forma de ofensa era o fundo do poço, neste trecho esta passagem fica clara:

Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar. Nada mais é nosso: tirara-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão_e, se nos escutarem, não nos compreenderão. Roubarão também o nosso nome, e, se quisermos mantê-lo, devemos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos. (LEVI, 1985:25)

Podemos afirmar que nesta primeira obra de Primo Levi, ele narra o cotidiano dentro do campo de concentração, a impiedosa luta pela sobrevivência, as “seleções” feitas pelos nazistas dos prisioneiros destinados ao extermínio, à fome sempre insaciável, uma fome nunca imaginada, o trabalho desumano, a violência dos Kapos, o frio e a imundície, as humilhações e principalmente a apatia que os derrotava. Fica claro também a primordial necessidade de se adaptar a esse inferno onde tudo era proibido, apenas pela razão de ser proibido.

A experiência vivida dentro do campo de concentração assume tal proporção que geralmente apaga tudo o que aconteceu antes, e posteriormente tudo que ocorrer depois. Neste ponto podemos relacionar o texto de Walter Benjamin (BENJAMIN, 1989), a respeito da perda da experiência, o declínio das tradições. Segundo este autor, a partir da fábula no qual o pai no leito de morte, transmite aos seus filhos ensinamentos, que são compreendidos como a perpetuação das tradições, algo que passa de gerações a gerações, algo maior que pequenas experiências individuais. Segundo Benjamin, esta perda da experiência acarreta o desaparecimento das tradicionais formas de narrativa, pois esta tem sua fonte na memória comum e também na transmissibilidade. Com o advento do século da catástrofe, o presente como catástrofe, iniciado pela Primeira Guerra Mundial, as experiências vividas perdem sua narrativa, pelo próprio motivo de não se poder assimilá-las com palavras.

Nesta obra também, Levi discute que o campo de Auschwitz é uma representação singular, a experiência nos Lager ¹ é uma ruptura com a existência de tudo que existia até então, é uma zona de irrealidade, que foge aos padrões estabelecidos pelo mundo. É confuso afirmar se esta é realmente a concepção de Levi a respeito dos Lagers, mas podemos ressaltar que “*É isto um Homem?*”, é a primeira obra de Levi após Auschwitz, e desta forma em outras obras possam ocorrer opiniões discrepantes.

¹ Ao longo do trabalho, estaremos referindo a Langer e a campos de concentração como sinônimos.

Em “*Os afogados e os sobreviventes*”, Levi nos ajuda na reflexão da memória e sua conservação com o passar do tempo, e interessante ressaltar que esta obra é escrita em 1986, ou seja, a última obra de Primo Levi, nesta obra o autor expõe com muita lucidez o fenômeno da deformação das lembranças, que de certa forma aproxima as vítimas dos opressores, um mecanismo às vezes necessário para a sobrevivência após Auschwitz. Muitos foram os sobreviventes que fizeram essa “escolha” do esquecer para tentar viver, devemos entender nessa “escolha” a necessidade da libertação de um passado. Podemos verificar essa passagem no capítulo a “memória da ofensa”:

A recordação de um trauma, sofrido ou infligido, é também Traumática, porque evoca-la dói ou pelo menos perturba: quem foi ferido tende a cancelar a recordação para não renovar a dor; quem feriu expulsa a recordação até as camadas profundas para dela se livrar, para atenuar seu sentimento de culpa (LEVI, 1990: 10)

O interessante desta obra de Primo Levi, é que diferentemente da sua obra “*É isto um Homem?*”, é a noção que o sistema representado dentro do campo de concentração não difere muito do mundo a que os judeus estavam submetidos, dentro da Alemanha, principalmente com o advento de Adolf Hitler ao poder, já a partir de 1933. É claro que devemos ressaltar essas diferenças e as peculiaridades existentes dentro dos campos de concentração. Podemos afirmar que existia dentro dos campos de extermínio, uma organização que não era totalmente diferente ao mundo exterior, os mecanismos de funcionamento dos *Lagers*, esse mundo concentracionário, possuía uma estrutura interna incrivelmente complicada.

Podemos ressaltar que, entendendo a história como um processo de longa duração, a experiência dos *Lagers* começou a ser delimitada a partir das leis segregacionistas importadas na Alemanha nazista. Desde a subida de Hitler no poder as situações dos judeus alemães foram se deteriorando lentamente, e o campo de concentração foram seus estágios mais avançado. Devemos aceitar o fenômeno dos campos de concentração como pertencentes à época moderna, devem entendê-lo como um fenômeno sem precedentes, mas não como alguma coisa “fora da realidade”, este fenômeno aconteceu e isso foi possível a partir de medidas adotadas num processo de longa duração. Acredito que “*Os afogados e os sobreviventes*”, de certa forma é a obra mais bem acabada de Primo Levi, porque ela incorpora elementos que só a reflexão em

longo prazo é possível de explicar. Nesta obra, Levi discorre sobre sua lembrança em relação aos horrores nazistas e também faz uma reflexão do tema que mais o angustiava: será que o mundo que permitiu a formação dos campos de concentração realmente desapareceu com o fim do regime nazista, ou de certa forma pode voltar? Levi de forma peculiar discorre que esse perigo não acabou e se aconteceu uma vez pode acontecer de novo.

Em 1962, Primo Levi escreve “*A Trégua*” (LEVI, 1997), livro no qual o autor narra detalhadamente o longo caminho que percorreu para voltar para casa, em Turim. A partir deste livro, Primo Levi descreve como foi os últimos dias no campo de concentração de Auschwitz, ou seja, a partir dos primeiros dias de janeiro do ano de 1945, quando os alemães evacuaram o campo fugindo do avanço do Exército Vermelho.

Podemos salientar que a volta para a casa é difícil para os que conseguiram sobreviver. Para a maioria, não havia mais lugar para voltar, a maioria dos países da Europa não tinha intenção de dar abrigo e proteção, seus lares estavam destruídos, seus bens haviam sido confiscados, seus familiares e amigos estavam entre os milhões de judeus mortos no maior genocídio da história. É importante ressaltar que neste período, com a aproximação da derrota nazista as condições eram precárias não só para os sobreviventes judeus, mas para toda a população da Europa em geral.

A partir do início do mês de janeiro de 1945, Primo Levi ainda um pouco atordoado pelas fraquezas e doenças, mas de certa forma um pouco mais restabelecido físico e moralmente, inicia sua penosa luta para voltar a sua casa. É interessante ressaltar que não foi uma volta ser dor e muita luta. Após a libertação, Primo Levi é levado juntamente com o restante dos sobreviventes a um campo de refugiados russos no interior da Polônia. Por ter formação em Química, em pouco tempo Levi se torna o farmacêutico do campo de refugiados, posição que lhe proporcionava inúmeros benefícios, como uma ração suplementar de comida, o que era muito importante para garantir a sobrevivência.

Após penosos meses, a partir de junho, depois do término da Segunda Guerra, Levi começa a tão esperada viagem para finalmente chegar em casa. Percorrendo intermináveis quilômetros a pé ou de trem, passa por diversos países, entre eles Polônia, Rússia, Ucrânia, Romênia, Hungria e Áustria, até chegar à Itália meses depois.

Ao chegar à Itália no final do ano de 1945, Levi encontra tudo como antes, sua casa, sua família, seus amigos. Ele fora o único a ser deportado. Após esse restabelecimento, Levi aguça sua angústia, pois precisava relatar de forma intensa a experiência vivida, a experiência que aniquilava não só os judeus, mas a própria concepção de humanidade. Em suas obras, Primo Levi traz uma narrativa embebida de lembranças, com reflexões pertinentes ao poder, a violência gratuita, a piedade, a amizade, a memória, entendendo os mecanismos desta última, o esforço de lembrar, mas ainda o esforço para se apagar e se calar.

O que mais inquietava Levi, certamente era a possibilidade de narrar a sua experiência e não ser ouvido, ser desacreditado. A máquina de destruição nazista, previa não só a destruição física dos judeus, mas também eliminar toda a memória que pudesse dar indício, uma prova do massacre sem precedentes na história. Como nos informa Márcio Seligmann-Silva:

Auschwitz pode ser compreendido como uma das maiores tentativas de “memoricídio” da história. A história do Terceiro Reich, para Levi, pode ser “relida como a guerra contra a memória, falsificação orweliana da memória, falsificação da realidade, negação da realidade”. Os sobreviventes e as gerações posteriores defrontam-se a cada dia com a tarefa (no sentido de Fichte e os românticos deram a esse termo: de tarefa infinita) de rememorar a tragédia e enlutar os mortos. Tarefa árdua e ambígua, pois envolve tanto um confronto constante com a catástrofe, com a ferida aberta pelo trauma- e, portanto, envolve a resistência e superação da negação-, como também visa a um consolo nunca totalmente alcançável (SELIGMANN-SILVA, 1003: 51-52)

O maior receio é que devido à brutalidade e crueldade, a própria memória do extermínio fosse desacreditada pelo seu absurdo. Os próprios alemães sabiam disso e se divertiam cinicamente:

Seja qual for o fim dessa guerra, a guerra contra vocês nos ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas, mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito”. Talvez haja suspeitas, discussões, investigações de historiadores, mas não haverá certezas, porque destruiremos as provas juntas com vocês. E ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão que os fatos narrados são tão monstruosos que não merecem confiança: dirão que são exageros da propaganda aliada e acreditarão em nós, que negaremos tudo, e não em vocês. Nós é que ditaremos a história dos Lager (LEVI, 1990:09)

Em um ensaio intitulado “Verdade e memória do passado”, Jeanne Marie Gagnebin, discorre que a liderança nazista, prevendo o final da guerra, se encarregou de abolir as provas, queimando arquivos, desaparecendo com corpos já enterrados, tentando anular todos os rastros da existência do genocídio. Segundo Gagnebin:

As teses revisionistas são, com efeito, a conseqüência lógica, previsível e prevista de uma estratégia absolutamente explícita e consciente de parte dos altos dignitários nazistas. Essa estratégia consiste em abolir as provas de aniquilação dos judeus (e todos os prisioneiros dos campos). A “solução final” deveria, assim por dizer, ultrapassar a si mesma anulando os próprios rastros da existência (GAGNEBIN, 2006:46)

Partindo de uma análise interdisciplinar, que privilegie uma relação entre história, memória e literatura de testemunho, acredito que a obra de Primo Levi seja fundamental para os recentes debates historiográficos, principalmente em relação ao “revisionismo” e o “negacionismo” do Holocausto.

Em sua obra “Os afogados e os sobreviventes”, podemos identificar, de modo mais explícito, a necessidade de testemunhar o que “não é testemunhável”. Isso é necessário para que não seja esquecido, “retocado”, pois mesmo após a libertação, a recordação dos campos de extermínio é traumática, sendo assim compele ao esquecimento. Tal receio aumenta ainda mais com o “revisionismo do holocausto”, que minimiza ou até nega a experiência do Holocausto.

Retornar as obras de Levi é pertinente, pois, desta forma estaremos contribuindo para o não esquecimento, para que a memória do holocausto não seja apagada, pois para Levi a “memória humana é um instrumento maravilhoso, mas falaz” (LEVI, 1990:19)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- ADORNO, Theodor. **Crítica cultural e sociedade**. São Paulo: Ática, 1998.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)**. Trad. De Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: Um Relato Sobre a Banalidade do Mal**; tradução José Rubens Siqueira.- São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**; tradução Marcus Penchel.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**; tradução Sergio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin.- São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BURKE, Peter. **Variedades da História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- _____. **A Escrita da História, Novas Perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.
- CHARTIER, R. **A história cultural**. Entre práticas e representações. 2 ed. Portugal: DIFEL, 2002.
- ELIAS, Nbert. **Os Alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**; editado por Michael Schröter; tradução, Álvaro Cabral; revisão técnica, Andréia Daher.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- DWORK, Debórah e PELT, Robert. **Holocausto: Uma História**; tradução de Marcos Santarrita.- Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004.
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Centauro, 2004.
- HOBBSWIM, Eric. **Era dos Extremos**. O breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes** ; tradução Luiz Sergio Henriques. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- _____. **É isto um Homem?**. São Paulo: Editora Rocco, 1985.
- _____. **A trégua** . Editora Companhia das Letras, São Paulo, 1997.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- GOLDHAGEN, Daniel Jonah. **Os Carrascos Voluntários de Hitler: O Povo Alemão e o Holocausto**; tradução Luís Sérgio Roizman.- São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- PESAVENTO, S. J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- POLLAK, M. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Vol. 05, nº 10, 1992.

_____. Memória, Esquecimentos e Silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC/ FGV/ Edições Vértice, vol 3 1989.

PACANO, Fábio Augusto. História, Memória e Identidade. In: **DIALOGUS**. Ribeirão Preto, v.1, n.1, 2005, p. 41-50.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. “**A História como Trauma**”, in *Catástrofe e Representação*, (organizado por Arthur Nestrovski e Márcio Seligmann-Silva), Escuta, São Paulo, 2000.

_____. (Org.) **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Unicamp, 2003.

_____. A literatura do trauma. **CULT-Revista de Literatura Brasileira**: São Paulo, 1999. Ano II n 23.

_____. Auschwitz: história e memória. *Pro-Posição*: São Paulo, 2000b v.11 n.2.

STACKELBERG, Roderick. “**A Alemanha de Hitler: Origens, Interpretações, Legados**”; tradução de A. B. Pinheiro de Lemos.- Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002.

THOMSON, Alistair. *Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as Memórias*. In: **Revista Projeto História**. São Paulo: (14) abril, 1997.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os Assassinos da Memória**. Campinas: Papyrus, 1988.

WEINRICH, Harald. **Lete - arte e crítica do esquecimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.